Árvore ainda

Há uma árvore com 200 anos neste espaço. Não é já a faia imponente que se desenvolveu e participou no desenrolar da história natural, a faia pela qual passaram as estações do ano no fluxo ininterrupto do tempo, aquela que gerações sucessivas viram crescer, habituando-se à sua presença, usufruindo da sua sombra, orientando-se pela sua copa avistada ao longe. Não é já essa, e ainda é essa faia.

Depois de séculos de vida, enfraquecida e fragilizada devido a um fungo, a árvore foi abatida, seccionada em módulos numerados e cuidadosamente desmontada. São esses módulos, de formato aproximadamente circular que repousam agora junto ao atelier do escultor.

Trabalhados, reelaborados pela mão do artista, tais módulos resultaram em objectos autónomos que, no entanto, guardam a memória da árvore que outrora foram. São já esculturas e árvore ainda; são peças de arte e árvore ainda. Mudarão de sítio, entre ateliers, galerias e casas, sem terem deixado o território que foi o seu, porque a matéria de que são feitas é evocação constante da árvore que ainda permanece nelas. Serão olhadas pela forma, pela textura, pela tonalidade, serão apreciadas pelo domínio artístico da madeira e pela elegância com que foram tratadas, mas conservarão sempre a robustez da árvore que nelas existe.

Como não desaparece de nós aquilo que fomos na infância e na juventude, também destas peças não se ausenta a árvore que já foram.

Como não se liberta do escultor a sua origem, o seu lugar, o meio familiar que ainda o envolve, também nestes trabalhos persiste a atmosfera da terra onde germinou a grande árvore que lhes deu existência.

Se pudesse ser visto de cima, este projecto de Paulo Neves surgiria como um círculo. Não a forma perfeita que o círculo nos impõe, mas um círculo imperfeito (se pudesse conceber-se), próximo da configuração irregular que as peças apresentam nesta e nas próximas exposições, em Lisboa, Porto, Zurique e, desejavelmente, no lugar original que foi o da árvore.

É circular a forma que descrevem estes movimentos – o da árvore feita escultura, o da escultura enquanto exposição, o do artista que fez coincidir o espaço em que nasceu com aquele onde trabalha.

Outro círculo se poderia encontrar nessa relação que cada novo projecto de Paulo Neves estabelece com os anteriores, em travessia orgânica, de transições ténues, sem ruptura ou transgressão.

Trabalhar por séries, variações e derivações ajusta-se a uma necessidade quotidiana, adapta-se a um ritmo gradual em que cada novo elemento assenta nos elementos já consolidados e cada nova formulação surge da linguagem previamente articulada.

Encontram-se neste processo lento e contínuo todas as ligações ao passado, às referências culturais que cada obra exprime. Só em actividade regular, só em habituação à presença da matéria, na sua condição primordial de árvore, em bosques e florestas, ou nos diferentes estádios da sua transformação, no abrigo do atelier, se revelam ao escultor tais referências, remissões e novidades.

Qualquer material é virtualmente matéria artística como nos terá ensinado o século XX, qualquer elemento natural é virtualmente estetizável como nos ensina esta leitura atenta da natureza e qualquer território é virtualmente oficina do artista.

A faia com 200 anos que aqui está e o destino artístico que foi o seu protagonizam uma única história, desenham uma única geografia, física e mental, num processo uno.

Laura Castro